

O Trajeto até a Universidade – Percepção dos alunos e a condição de vulnerabilidade da mulher na cidade.

The way to university - Perception of students and the vulnerability of women in the city.

El camino a la universidad - Percepción de los estudiantes y la condición de vulnerabilidad de la mujer en la ciudad.

MECABO, Marina

Arquiteta e Urbanista, mestranda do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), email: marinamecabo@gmail.com

CHIARELLI, Lígia Maria Ávila

Arquiteta e Urbanista, doutora em História, mestre em Engenharia Civil, professora do corpo permanente no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), email: biloca.ufpel@gmail.com

RESUMO

Este artigo foi desenvolvido como exercício para aplicação de métodos e teorias de percepção ambiental. Através de revisão bibliográfica foram identificados temas recorrentes na discussão sobre a condição de vulnerabilidade diferenciada a qual estão submetidas as mulheres no espaço urbano. Essa é uma discussão urgente, sendo necessário o desenvolvimento de trabalhos que desvendem como as relações de poder se materializam na forma de fazer cidade. Com base em achados da teoria, foi desenvolvido um questionário sobre a relação dos usuários nos trajetos cotidianos até a universidade. Alunos da Universidade Federal de Pelotas responderam a entrevista e pode-se verificar que a maioria deles identifica as possibilidades desiguais de apropriação da cidade e que isso condiciona sua vivência urbana mas, em alguns casos, os pressupostos apresentados não se adéquam a realidade vivida.

PALAVRAS-CHAVES percepção ambiental, mulher, trajetos cotidianos.

ABSTRACT

The present article was developed as an exercise to apply methods and theories of environmental perception. Through a bibliographical review, recurrent themes were identified in the discussion about the condition of differentiated vulnerability to which women are subjected in urban space. This is an urgent discussion, requiring the development of researches that reveal how power relations materialize in the way of making a city. Based on the findings of the theory investigation, a questionnaire was created on the relation of the users in the daily routes to the university. Students from the University of Pelotas answered the interview and it can be verified that most of them identify the unequal possibilities of appropriation of the city and that this conditions their urban experience.

KEY WORDS environmental perception, woman, everyday paths.

RESUMEN

Este artículo fue desarrollado como un ejercicio para la aplicación de métodos y teorías de percepción ambiental. A través de la revisión bibliográfica, se identificaron temas recurrentes en la discusión sobre la condición de vulnerabilidad diferenciada a la que están sometidas las mujeres en el espacio urbano. Esta es una discusión urgente, y es necesario desarrollar trabajos que revelen cómo se materializan las relaciones de poder en la forma



de hacer ciudad. Con base en los hallazgos de la teoría, se desarrolló un cuestionario sobre la relación de los usuarios en el viaje diario a la universidad. Los estudiantes de la Universidad Federal de Pelotas respondieron la entrevista y se puede verificar que la mayoría de ellos identifican las posibilidades desiguales de apropiación de la ciudad y que esto condiciona su experiencia urbana pero, en algunos casos, los supuestos presentados no se ajustan a la realidad vivida.

PALABRAS CLAVE: *percepción ambiental, mujer, caminos cotidianos.*

1 INTRODUÇÃO

Estudos desenvolvidos por pesquisadoras que trabalham com a condição feminina tem observado que não se pode mais aceitar a pesquisa acadêmica construída somente a partir de um referencial neutro e objetivo, como se a realidade pudesse ser apreendida de forma fria e assexuada (BRUSCHINI, BARROSO, 1983). Sendo assim, destacam que a pesquisa feminista, precisa evidenciar a realidade observando sua condição sexualmente assimétrica, propondo sua transformação.

Em relação ao espaço público, a sensação de segurança e conforto de estar no espaço evidencia as condições desiguais de apropriação, uma vez que, sob uma perspectiva de gênero é fundamental perceber como e quais lugares são atribuídos como naturais para homens e mulheres. A partir dessas considerações o objetivo desse artigo consiste em investigar a percepção dos estudantes universitários na cidade de Pelotas, identificando como as questões apresentadas no referencial teórico aparecem no cotidiano dos trajetos urbanos até a universidade e como elas influenciam nas práticas do espaço.

O presente trabalho tem como pressuposto a condição de vulnerabilidade diferenciada que parte da população está sujeita quando vivencia a cidade (SANZ, 2013), considerando necessário que se façam estudos em que os pesquisadores estejam atentos a sensibilidades e sutilezas que permeiam o direito de ir e vir desses grupos, desconsiderados na produção do espaço urbano.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A cidade é uma construção no espaço tal qual uma obra arquitetônica, mas em uma maior escala. Sua construção é cotidiana, multiescalar, sujeita de diversos agentes e produto de diversos interesses (LYNCH, 1997). Devido a sua complexidade e também as percepções e subjetividades dos sujeitos, a leitura que se faz dela é sempre parcial e fragmentada.

ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E POSSIBILIDADES

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



A cidade contemporânea é reflexo e consequência da nossa realidade social, é um território permeado por diversas opressões relacionadas à classe, raça e gênero. Estudá-la utilizando como ferramenta teórica e metodológica o conceito de interseccionalidade é pensar a partir da premissa de inseparabilidade estrutural do capitalismo e do patriarcado, atentando ao seu viés racista e misógino (AKOTIRENE,2017). Reconhecer que o ambiente urbano não é neutro e que suas espacialidades reforçam padrões hegemônicos de pensamento que, repetidas vezes, colocam as mulheres mais expostas e vulneráveis nessas estruturas é um dos desafios do urbanismo.

A experiência urbana em uma sociedade marcada pela divisão sexual se diferencia de diversas formas entre os indivíduos e grupos sociais. Não se pode mais desconsiderar que as mulheres estão submetidas a uma situação de vulnerabilidade diferenciada na cidade. Assim, estudar o urbano com a perspectiva de gênero parte da premissa de que ele está em dívida com as mulheres. Nossas cidades, bairros, ruas e casas são configuradas com base nos valores de uma sociedade patriarcal e acabam por perpetuar e reproduzir esses posicionamentos.

A legislação brasileira é categórica quanto a igualdade de direito a todos. A arquiteta e urbanista, Raquel Rolnik, provoca um questionamento sobre se as mulheres, em suas práticas cotidianas, tem efetivamente assegurado seu direito à cidade. A própria autora responde: “enquanto andar sozinha pela rua significar medo de ser assediada, ameaçada ou violentada, a resposta é não” (ROLNIK,2016). A justificativa para tal afirmação vem do diagnóstico de que por não ter vivência plena e segura no espaço público, elas não têm garantido este direito.

Teorizado pela primeira vez por Henri Lefebvre em 1968, o direito a cidade é um direito coletivo que trata da apropriação e produção da cidade tendo seus habitantes como protagonistas. Sendo assim, não trata apenas de satisfazer as necessidades elementares, mas do direito à “vida urbana” (LEFEBVRE,1991). Em 2016, na Conferência das Nações Unidas em Quito, foi elaborado um relatório que reafirma o compromisso para que as vozes e experiências das mulheres sejam consideradas no processo de planejamento das cidades, definindo a violência contra as mulheres como “pandemia global” e reconhecendo que ainda não haviam leis específicas para tratar das questões relativas ao espaço público da cidade:

A qualificação dos espaços públicos é fundamental para a integração de gênero no desenvolvimento urbano. É importante pensar, planejar e produzir a cidade como espaço de garantia de direitos humanos das mulheres – ou seja, da adequação do sistema de transporte, iluminação pública e segurança como forma de enfrentamento das desigualdades de gênero (BRASIL, 2016 . p 40)



PROJETAR
GRUPO DE PESQUISA EM
PROJETO DE ARQUITETURA
E PERCEPÇÃO DO
AMBIENTE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE



ARQUITETURA E URBANISMO - UFRP



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PLANEJAMENTO URBANO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ



UNIVERSIDADE
POSITIVO

ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E POSSIBILIDADES

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



A não neutralidade do espaço urbano, está em sua construção e conseqüentemente na experiência vivida nele. A urbanista espanhola Paula Pérez Sanz argumenta que isso está refletido nas possibilidades de apropriação oferecidas aos habitantes, que são baseadas no imaginário simbólico que o espaço urbano é concentra. Portanto, é essencial uma abordagem feminista para desvendar relações de poder que têm passado despercebidas (SANZ,2013).

O movimento feminista vem guiando uma reflexão teórica sobre direito à cidade visibilizando a forma como as relações patriarcais, e não só as capitalistas, constroem os espaços urbanos. (SANZ,2013). É importante ressaltar que este movimento está interessado em repensar as cidades para favorecer uma vida sem nenhum tipo de discriminação. O urbanismo com enfoque de gênero trabalha por uma cidade que seja reflexo da sociedade diversa, onde os espaços sejam construídos de maneira inclusiva a todos os grupos, repudiando qualquer tipo de supremacia.

Historicamente as políticas públicas urbanas consideraram como pauta das mulheres demandas de creches, escolas e postos de saúde. Essas são pautas relacionadas a maternidade, demonstrando o reforço dos papéis sociais tradicionais e a manutenção do status quo vigente por parte do planejamento urbano. Essa segregação é tão marcante na vida das mulheres que a maioria delas nunca pensou em como o lugar onde vive poderia ser pensado para além de suas responsabilidades domésticas e quais as possibilidades de usufruir do espaço público de forma mais autônoma e condizente com suas necessidades (NOVAES,2015).

As cidades brasileiras caracterizam-se pelo planejamento centrado nas dinâmicas masculinas de casa-trabalho, com a mulher associada ao espaço doméstico. Porém, a rotina de deslocamento das mulheres diverge pela acumulação de papéis: profissional, dona de casa e mãe e /ou cuidadora da família (TAVARES, 2012). Assim, o urbanismo androcêntrico ao desconsiderar as vivências “reprodutivas não remuneradas” acaba por diminuir o tempo livre e os recursos das mulheres para ocupar a cidade, restringindo sua experiência urbana a percursos funcionais e profissionais em detrimento aos de lazer e cultura (SANZ,2013).

Urbanistas como Dolores Dayden, Jane Jacobs e Linda McDowell, deram especial atenção a experiência urbana das mulheres e propondo ideias que reverberam em pautas de planejamento. Entre elas ressalta-se a necessidade de construir cidades policêntricas e com redes de colaboração nos bairros (SANZ,2013). Outras medidas relacionam-se com o enfrentamento da circulação pela exaltação do



sistema viário, propondo a qualificação urbana através da ativação dos espaços públicos com diversidade de funções e ações que gerem presença de pessoas em horários diferentes e em alta concentração.

Atualmente, as articulações feministas têm apresentado pautas contra o assédio sexual nas ruas e no transporte, agressão até então naturalizada como parte da cultura. Esse tipo de abuso intimida as mulheres que acabam restringindo seus percursos e horários, limitando seu direito de ocupar e vivenciar a cidade (HARKOT,2015). O sentimento que as aflige é de ilegitimidade por estar na rua, influenciando drasticamente em suas práticas no espaço (GRARD, 2010). A luta das mulheres pelo espaço, tanto social como urbano, também está presente nas de manifestações urbanas artísticas como pixo e lambe e grafite (fig.01 e 02).

Figura 01-Pixo “a rua também é minha” em Cassino-RS. Figura 02-grafite “meu corpo minhas regras” em São Paulo- SP.



Fonte: Autora , 2018.

Na cidade de Pelotas, intervenções artísticas com esse teor estão bastante presentes nos trajetos que ligam os campus da Universidade Federal de Pelotas (OLIVEIRA; INCHAUSPE;MECABÔ;ALFONSO, 2018) (Fig.03 e 04).Essa forma de expressão aparece como elemento heterogêneo na paisagem urbana e a provoca reflexão sobre a relação dos sujeitos com a cidade.

Figura 03- Intervenção do tipo Lamb em fachada de um prédio central da UFPel. Figura 04- Pixo“o que você já deixou de fazer por ser mulher?” em fachada residencial de rua central da cidade de Pelotas.



Fonte: autora,2018.

O feminismo propõe que se interogue sobre as percepções e experiências vividas no espaço público, para que então se considere as diferenças colocando as pessoas como centro das decisões urbanas. A vitalidade urbana é uma das qualidades destacadas pelo movimento, ao lado de autonomia, proximidade, diversidade e representatividade (VALDIVIA; CIOCOLETTO,2012). O coletivo espanhol Punt6, elaborou uma cartilha com características que fariam o planejamento e construção do espaço público mais adequado para a igualdade de gênero. Na cartilha, apresentam a pauta feminista de dissolução da dicotomia público- privado, que discute a distribuição desigual dos espaços entre homem e mulher, propondo espaços intermediários com novas formas de usar a cidade. Além disso, ressaltam que a percepção de segurança está principalmente relacionada a presença de pessoas, sendo fundamental a ativação dos espaços públicos (PUNT6,2015).

3 METODOLOGIA

O presente trabalho utiliza da metodologia de percepção ambiental para investigar a percepção dos estudantes universitários na cidade de Pelotas com enfoque em identificar como as questões apresentadas no referencial teórico aparecem nos trajetos urbanos até a Universidade. Apesar do recorte do estudo da mulher na cidade, buscou-se também analisar o conflito e a diferença da percepção do ambiente urbano entre os gêneros. Portanto, o grupo focal definido são os estudantes da Universidade Federal de Pelotas e que se prontificaram de maneira aleatória a participar da pesquisa.

A coleta dos dados foi realizada através de questionário na plataforma online do googleDocs. O método de questionário é comumente utilizado na área de ambiente- comportamento por explicar e testar as relações existentes entre variáveis (REIS; LAY, 1995). O grupo foi convidado a participar através de uma publicação no grupo de estudantes da Universidade no *facebook*, sendo essa prática recorrente em pesquisas de estudantes da instituição.

O questionário é um conjunto de questões apresentado para os respondentes de forma padronizada e idêntica buscando um levantamento sistemático de informações (SOMMER & SOMMER, 2002; REIS, 2009). Com base no referencial teórico foram selecionados sete aspectos que influenciam diretamente a vivência da mulher na cidade, considerando-as como hipóteses de pesquisa e as tomando como base para elaborar as questões e conduzir o questionário:

- autonomia para flunar na cidade
- vitalidade urbana
- tempos de uso da cidade
- iluminação pública
- sensação de segurança
- formas de deslocamento, frequência e duração do trajeto.

Foram formuladas 16 questões, sendo duas abertas e 14 fechadas. As perguntas gerais aparecem no início, deixando as específicas para depois, com cuidado para evitar mudança brusca de tema, contágio de respostas, alternativas longas e deixando as questões que classificam os entrevistados em suas questões sociais e econômicas para o final da sequência. A primeira pergunta era aberta e pouco direcionada, solicitava que o participante descrevesse seu trajeto. O objetivo era adotar a postura de ouvir mais e perguntar menos, remetendo ao cerne da atitude fenomenológica e procurando gerar uma margem para análise das subjetividades das vivências contemporâneas (SOUZA, 2017).

4 RESULTADOS

O questionário foi publicado no grupo da Universidade Federal de Pelotas, composto por 34.000 membros, entre eles a reitoria, o corpo docente, discente e técnicos. O link ficou ativo por 48 horas

ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E POSSIBILIDADES

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



em dezembro de 2018, e foi respondido por 48 pessoas. Após a primeira triagem foram selecionadas os 43 questionários que foram efetivamente preenchidos. Em dados gerais, 75% das participantes foram mulheres, 55% do total de respondentes são advindos de escolas públicas. O trajeto percorrido é majoritariamente curto, de até 10 minutos (44,2%), não havendo respondentes que dispendessem mais de uma hora no percurso. É feito majoritariamente a pé, seguido por bicicleta, carro e ônibus empatados com 23,3%. O resultado obtido com a primeira pergunta foi plural, enquanto algumas pessoas consideraram importante indicar seu trajeto através de nome de ruas e avenidas, outros basearam seu relato no modal utilizado. Alguns apenas descreveram o trajeto com adjetivos “apressado”; “perigoso”, “monótono” e outros ainda relataram a percepção pela presença de vegetação, pessoas e diferentes arquiteturas do percurso. Essa variedade nas formas de descrever seu trajeto está evidenciada nos mapas elaborados para análise e apresentação dos resultados.

O assunto mais recorrente foi relacionado a segurança, tanto nas questões abertas quanto nas que de o comentário era opcional. Na questão objetiva sobre o assunto 75% das pessoas responderam que geralmente se sentem seguras no seu trajeto em oposição, 17% falou que nunca se sente seguro. Apesar da majoritária sensação de segurança, 75% dos entrevistados responderam que há trechos de maior apreensão e desconforto, alguns identificaram fatores que julgaram causar esse desconforto como “mais presença de muros e menos residências”; “iluminação insuficiente” e “pouco movimento”.

Uma particularidade foi identificada no comentário de uma mulher que relatou desconforto e apreensão quando passa em frente a um bar localizado em uma das avenidas mais movimentadas da cidade. Essa vivência demonstra que não se pode afirmar de forma simplista que a presença de pessoas corrobora para sensação de segurança (PUNT6,2015). Quando esse ambiente permite situações de assédio, forma corriqueira de opressão do corpo feminino, o espaço apropriado também torna-se inseguro para elas.

Além disso, questões relacionadas a cor e a gênero foram pontuadas pela maioria das respondentes, o que nos leva pensar que as pessoas estão cientes das diferentes condições de vulnerabilidade a que os corpos estão sujeitos na cidade. Quando perguntados, 80% respondeu que acredita que suas características físicas e sociais influenciam sua vivência na cidade. Houve relatos de que, baseadas em sua percepção de segurança, acabam adequando seus trajetos para fugir de potenciais perigos, restringindo sua autonomia para flunar na cidade, o que vai de encontro com a concepção de (ROLNIK,



2018) de que o direito à cidade não é efetivo para mulheres, portanto o espaço não é da mesma forma público para todos que o usufruem.

Alguns questionários se destacam pela quantidade de relatos, a partir deles foram elaborados mapas visuais. Utilizou-se um recorte do mapa de Pelotas disponível no *googlemaps* como base para elaboração desse material, porém a representação não está baseada nos métodos cartográficos tradicionais e busca representar como essa espacialidade é vivida pelos participantes.

A participante de número 06 faz seu trajeto de dez minutos a pé e não se sente segura ao percorrê-lo, principalmente nas partes com pouca presença de pessoas e fraca iluminação. Essa percepção vai de encontro com o que já está popularizado como necessidades para segurança urbana. Ela acredita que essa insegurança seja porque passa por “muitos muros e poucas casas”, o que relaciona-se com a sensação de segurança advinda dos “olhos da rua” defendida (JACOBS,2000) como a consciência coletiva de que no espaço público há uma vigilância informal exercida, voluntária ou involuntariamente, por diversos olhares para esse espaço. O relato foi descritivo em percepções que nos levam a concluir que, apesar da vulnerabilidade, a participante consegue usufruir de prazeres urbanos no seu cotidiano: “Na primavera era encantador fazer esse percurso e é incrível o barulho dos pássaros”.

Figura 05 – Mapa do trajeto a pé de uma mulher branca.



Fonte: autora,2018.

A participante de número 09 fez comentários sobre seu sentimento de insegurança oriundo da soma do medo de assalto ao de assédio, por ser uma mulher andando sozinha na cidade. Considera que a

“falta de policiamento aumenta a insegurança”, porém, mesmo com a possibilidade de ser efetiva ao coibir assaltos, não se pode afirmar que presença de outros homens seja solução para a violência contra as mulheres (ROLNIK, 2016). Sente medo em todo trajeto mas identificou um trecho de maior apreensão na zona do bairro Porto, região onde está localizada parte dos prédios da universidade e é conhecida pelos relatos de roubo.

Figura 06 – Mapa do trajeto a pé participante 09.



Fonte: autora,2018.

A participante de número 14 relatou que seu trajeto é um “dos pequenos prazeres diários”, que se sente segura e que costuma variá-lo por prazer. Realiza o trajeto de carro particular ou de ônibus, a escolha de seu modal é condicionada pelo medo de aguardar o ônibus sozinha. Neste condicionamento fica claro o que afirma (HARKOT,2015) de que a insegurança causada pelas atitudes masculinas de violência de gênero acabam por restringir percursos e horários. A participante consegue utilizar a cidade de forma a usufruir dos prazeres urbanos, apesar disso vivencia o condicionamento das suas possibilidades.

Figura 07 – Mapa do trajeto de carro ou ônibus da participante 14.

ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E POSSIBILIDADES

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019

9º PROJETO PROJETAR 2019



Fonte: autora,2018.

A participante de número 35 estuda em diferentes prédios da UFPel, percorre lugares urbanos de diferente conformação e faz seus trajetos de bicicleta. Ela relatou que, comparativamente a outras cidades que morou, se sente segura em Pelotas. Esse foi um relato comum nos questionários, de que apesar dos constantes avisos relacionados a cidade ser perigosa, o perigo não se verifica no uso cotidiano do espaço. Ela utiliza seus percursos para ter experiências ambientais e para tanto escolhe percorrê-los por diferentes rotas, o que demonstra as possibilidades urbanas de uma mulher menos condicionada pelo medo. A violência urbana e o medo que ela gera são componentes fundamentais do adestramento das mulheres à ordem patriarcal pois corroboram com o enclausuramento delas no espaço doméstico (CHERON; SEVERO, 2010).

Figura 08 – Mapa do trajeto percorrido de bicicleta da participante 35.



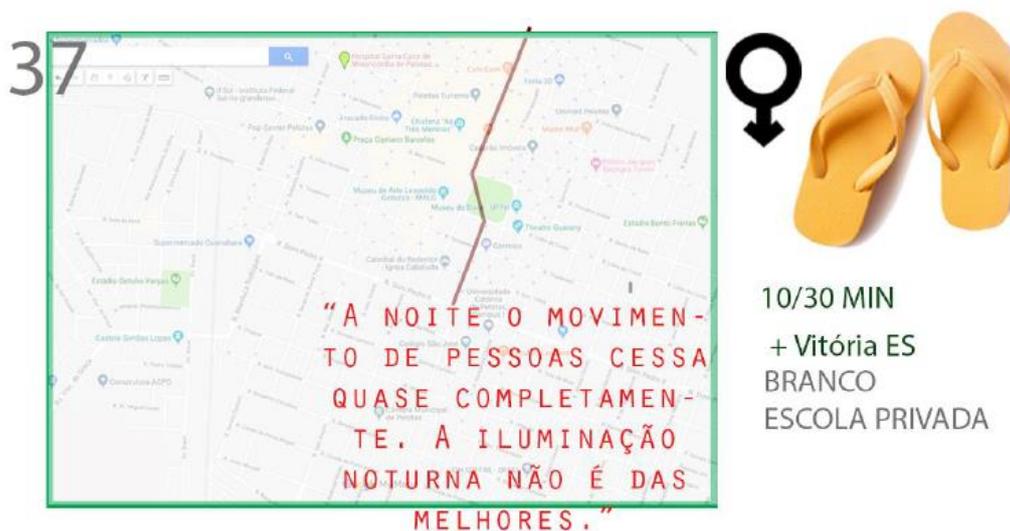
PROJETAR
GRUPO DE PESQUISA EM
PROJETO DE ARQUITETURA
E PERCEPÇÃO DO
AMBIENTE



Fonte: autora,2018.

Entre os mapas selecionados por maior riqueza de detalhes e descrições apenas o 35 era de um participante do sexo masculino. Ele relatou que se sente seguro nesse trajeto mas que a iluminação insuficiente gera desconforto no período noturno. Além disso também está ciente de que suas condições físicas/sociais, como homem branco de classe média, interferem na sua percepção da cidade.

Figura 08 – Mapa do trajeto percorrido a pé do participante número 37.



Fonte: autora,2018.

5 CONCLUSÃO

A análise dos questionários aplicados evidencia que está presente no cotidiano dos estudantes da Universidade Federal de Pelotas a percepção de que experimentam o urbano de forma diferenciada dependendo de variáveis sociais. Parte dos condicionantes apontados pela bibliografia são percebidos de maneira efetiva na *praxis* urbana e alguns relatos apontam que é realmente necessário que se olhe com cuidado para a vivência diferenciada das mulheres, como no relato de um espaço público apropriado mas que, devido ao assédio naturalizado de um ambiente culturalmente masculino, provoca insegurança à mulher. Assim o assédio é uma das formas de reforço das ideias que restringem o estar feminino na cidade à determinados horários, locais e presença masculina que as acompanhe.

Como corpo mulher pesquisadora que realiza com regularidade os trajetos estudados, foi uma surpresa descobrir que a maioria das pessoas, assim como eu, se sentem seguras nos trajetos, mesmo que a região da universidade seja popularmente conhecida como perigosa. Essa constatação é importante no sentido de atentar-se ao fato que a criação do medo é também uma ferramenta de controle da vivência social da mulher.

Essa inadequação, evidenciada também no condicionamento dos percursos, sugere que há barreiras urbanas que precisam ser discutidas a fim de democratizar as cidades. Para tanto, faz-se necessário incorporar ao estudo do urbano uma abordagem feminista e sensível as subjetividades, que além de promover segurança desvele os medos. Atitudes a fim de desvendar as relações de poder que passam despercebidas e identificar as materialidades que as reforçam cotidianamente devem fazer parte da agenda de urbanistas comprometidas com o direito à cidade.

6 REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla dos Santos. O que é interseccionalidade?; Feminismos Plurais, Editora Letramento – São Paulo, 2017.

BRASIL; Relatório brasileiro para o Habitat III / relator: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. – Brasília: ConCidades, IPEA, 2016. Disponível em : <http://habitat3.org/wp-content/uploads/National-Report-LAC-Brazil-Portuguese.pdf>

BARROSO Carmem.; BRUSCHINI, Cristina. Educação sexual: debate aberto. Petrópolis: Vozes, 1983.

CHERON, Cibele; SEVERO, Elena Erling. APANHAR OU PASSAR FOME? A DIFÍCIL RELAÇÃO ENTRE DEPENDÊNCIA FINANCEIRA E VIOLÊNCIA EM PORTO ALEGRE, RS. Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br>; Acesso em 10 de março de 2019.

HARKOT, Marina. A mulher, a cidade e o debate sobre o urbano. Disponível em: <https://observasp.wordpress.com/2015/09/02/a-mulher-a-cidade-e-debate-sobre-o-urbano/>. Acesso em: outubro 2018.



ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E
POSSIBILIDADES

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LIMA, Ana Nery Correia. MULHERES MILITANTES NEGRAS: a interseccionalidade de gênero e raça na produção das identidades contemporâneas. II CONINTER. Belo Horizonte, 2013.

NOVAES; Elizabete David . Entre o público e o privado? O papel da mulher nos movimentos sociais e o conquista de direitos no decorrer da história. História e Cultura, Franca, v. 4, n. 3, p. 50-66, dez. 2015

LYNCH, K. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, Gabriel; INCHAUSPE, Ícaro Vasques; MECABÔ, Marina; Alfonso, Louise Prado. Descobrir-caminhos é conhecer a cidade: grafias visuais nos muros e paredes de Pelotas/RS. Cidade e suas Margens, Pelotas, 2018. Disponível em : < <https://wp.ufpel.edu.br/ich/tag/antropologia-e-arqueologia/dcsm0212018>>

PUNT6, Recomendaciones para la implementación de políticas de género al urbanismo.

Barcelona, 2016. <Disponível em: <https://punt6.files.wordpress.com/2011/03/folleto-mujeres.pdf>>

ROLNIK, Raquel. As mulheres têm direito à cidade? São Paulo, 2016. ? Disponível em:

raquelrolnik.com/2016/03/14/as-mulheres-tambem-tem-direito-a-cidade/.

REIS, A. T.; LAY, M. C. D. Avaliação da qualidade de projetos– uma abordagem perceptiva e cognitiva. *Revista Ambiente Construído*, Porto Alegre, v.6, n.3, 2006

SANZ, Paula Pérez. Reformulando la noción de “ Derecho a la Ciudad” desde una perspectiva feminista. *Revista ENCRUCIJADAS*, 2013. <Disponível em: www.encrucijadas.org, acesso novembro 2014>

TAVARES, Rossana Brandão. Uma análise das desigualdades de gênero em favelas do Rio de Janeiro: perspectiva do reconhecimento para o urbanismo. São Paulo: CEPEGU, 2012.

SOMMER, R.; SOMMER, B. A practical guide to behavioral research: Tools and techniques. Oxford: Fifth Edition, 2002.

SOUZA, Lucas Barbosa. Percepção ambiental e fenomenologia: possibilidades de adaptação do método e alguns exemplos de pesquisas. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, UFPR, Vol.40, abril 2017.

